

**A POESIA DE AGOSTINHO
NETO NO SISTEMA-
MUNDO^{1*} LITERÁRIO EM
PORTUGUÊS: RELENDO
SAGRADA ESPERANÇA**

Inocência Mata²

*[V]em comigo África dos palcos acidentais
descobrir o mundo real
onde os milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade
("À reconquista")*

^{1*} Esta expressão apenas convoca, sem a mimetizar, a noção de *sistema-mundo* de Immanuel Wallerstein, pensado no âmbito da teoria da economia política. Interessa-me reter tanto as inter-relações entre os sujeitos desse amplo sistema literário de língua portuguesa quanto as grandes diferenças entre esses sujeitos em termos de existência desigual (decorrente da ideia do desenvolvimento desigual), de que resulta a sua condição periférica e semi-periférica.

Este texto é uma versão do que foi escrito para integrar o *dossier* sobre o Centenário de Agostinho Neto na *Revista Memorial*, nº 3, Setembro de 2022. Luanda: MAAN (Memorial Dr. António Agostinho Neto).

² Doutora em Letras pela Universidade de Lisboa. E-mail: mata.inocencia@gmail.com

O lugar da poesia netiana no contexto do ideário nacionalista: uma voz subindo do “furor duma queimada” (“Sinfonia”)

*E a nova onda se levanta para a luta
e ainda outra e outra
até que da violência
apenas reste o nosso perdão.*
Agostinho Neto, “Luta” (p. 113)

Marcadas por uma fermentação nacionalista, em várias frentes, as primeiras décadas do século XX angolano foram vividas de forma inquieta por uma geração que se considerava herdeira da verve contestatária da geração dos *angolenses*, que despontara um século antes, a partir da 2ª metade do século XIX – razão por que essa geração novecentista se auto-designava como “Novos Intelectuais de Angola”. Os agentes desse processo de contestação, em sintonia com o que se passava em África e no mundo que sobreveio à II Grande Guerra, tornam-se mais visíveis a partir dos anos 40, quando começavam a interpelar o sistema colonial, que em África começaria a desmoronar com as primeiras independências políticas. A partir do *nacional* (as condições de vida dos angolanos), esses jovens buscavam interlocuções transnacionais, que iam da África irmanada no sofrimento infringido pelo mesmo colonizador (ideia de que a fundação da CONCP, em 1961, iria dar substância) aos negro-africanos da diáspora, cuja história era tematizada na poesia negritudinista. Num cruzamento de olhares, essa literatura buscava nas suas congêneres periféricas (africanas e brasileira) e semi-periféricas (portuguesa) pontos de interlocução para ludibriar a condição de dominação e subalternização e construir um amplo sistema de vasos comunicantes.

De entre esses intelectuais e poetas, contava-se António Agostinho Neto (1922-1979).

O então jovem Agostinho Neto, nascido há cem anos em

Icolo e Bengo (a menos de 100km de Luanda), autor de seis³ livros de poesia (dois em edição póstuma), foi um dos mais insignes participantes da fermentação intelectual a partir dos anos 40 do século XX, em Luanda – e não apenas como “membro” do movimento, mas como “aquele por quem se espera”, como, messianicamente, se auto-apresentaria em “Adeus à hora da largada”, constituindo essa ontologia profética (a que muitos críticos se referem como sendo “evangelismo”) uma das curiosidades estéticas da poesia netiana, claramente marxista... Nem é despreciando o facto de este ser o primeiro poema daquele que é considerado o seu primeiro livro – mas que é, de facto, o terceiro, conforme refiro na nota de rodapé.

É *rastreando* o itinerário cultural desses intelectuais, de que resulta a ideologia da *angolanidade* (termo da lavra de Costa Andrade, que não refere uma essência, mas uma construção estética e cultural, responsável pela projecção do sistema nacional) que é possível perceber as dinâmicas ideológicas conformadas na dupla direcção do combate desses literatos, tanto em relação ao ambíguo sentimento de adesão à terra, cantado pelos seus prógonos angolenses, a que se convencionou chamar nativismo, quanto em relação à literatura colonial que, por essa altura “evoluía” da sua “fase exótica” para a “fase doutrinária” (Francisco Noa), portanto, bem incisiva na implementação política do assimilacionismo cultural:

[N]este segundo momento da literatura colonial, a partir dos inícios da década de 50, [surge] uma escrita dominada por um tipo de mensagem que expressamente vangloria a

³ É comum dizer-se que Agostinho Neto é autor de, apenas, 03 livros de poesia. No entanto, são seis os livros de poesia de Agostinho Neto (para além de edições de “obra poética”, “poesia completa” ou “obra poética completa”, obviamente): *Quatro Poemas de Agostinho Neto* (publicado como desdobrável na Póvoa de Varzim, 1957); *Poemas*, colectânea de poemas publicada na Colecção “Autores Ultramarinos” pela Casa dos Estudantes do Império (Lisboa, 1961, reeditado em 2014 – nesse livro, anunciava-se, na bionota, que o autor “[t]em para editar o livro de poemas: *Sagrada Esperança*”); *Con Occhi Asciiutti*, livro que inclui parte dos poemas que iriam integrar *Sagrada Esperança* e publicado pela editora Il Saggiatore (Milão, 1963); segue-se, onze anos depois, *Sagrada Esperança*, publicado pela Livraria Sá da Costa Editora, em 1974. Postumamente publicaram-se *Renúncia Impossível* (1982) e *Amanhecer*, que aparece na “trilogia poética” publicada pela União dos Escritores Angolanos, em 2009. Note-se, no entanto, que este último livro, composto de apenas sete poemas, nunca chegou a ter, até hoje, uma edição autónoma.

acção (gesta) individual e colectiva de um povo que se julga no direito sagrado de “salvar” o outro. (Noa, 2002, p. 63)

E embora para Luís Kandjimbo a geração da *Mensagem* se possa inscrever no que considera *terceiro nativismo* ou *nacionalismo nativista* (2014, p. 36), o certo é que esses “novos intelectuais” buscaram transformar o ideário de afirmação cultural angolense em reivindicação nacionalista angolana, redefinindo, através da escrita (literária, jornalística e ensaística), a *memória cultural* do tempo passado, com registos em vários “lugares de memória” (por isso Aleida Assman a definiu como instituição), físicos e simbólicos, transformando-a em *memória coletiva* (Maurice Halbwachs), como me parece ser o caso desse trânsito em “O grande desafio”, de António Jacinto (*Poemas*, 1961):

Naquele tempo
A gente punha despreocupadamente os livros
no chão
ali mesmo naquele largo – areal batidos dos
caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde hoje passa a avenida luminosamente
grande
e com uma bola de meia
bem forrada de rede
bem dura de borracha roubada às borrachei-
ras do Neves
em alegre folguedo, entremeando caçambulas
... a gente fazia um desafio...
(...)
(Jacinto, 2014, p. 39)

Esta primeira estrofe de um dos mais emblemáticos poemas da literatura nacionalista angolana revela que foi através da literatura, mormente poesia nessa altura, que foram sendo disseminadas outras – novas – interpretações do passado e sendo forjados novos modelos de identidade e de existência africana: a convivialidade sociocultural que gera um passado que hoje

(naquele tempo, colonial) já não existia, mas que se esperava recuperar:

Mas talvez um dia
quando as buganvílias alegremente florescem
quando as bimbas entoarem hinos de
madrugada nos capinzais
quando a sombra das mulembeiras for mais
boa
quando todos os que isoladamente padecemos
nos encontrarmos iguais como antigamente
talvez a gente ponha
as dores, as humilhações, os medos
desesperadamente no chão
no largo areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde passa a avenida que ao sol ardente
alcatroámos
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas
esperanças
vamos então fazer um grande desafio...
(Jacinto, 2014, p. 42-43)

Essa recuperação não decorreria, no entanto, de uma pressuposição de fé, mas de uma constelação utópica no sentido em que estão expressas as condições – num equilíbrio entre “desejos espaciais” (sinalizados por elementos da sociocultura e da natureza) e “desejos temporais” (referidos nas condições ideais) – para a realização desse futuro. Com efeito, afirma Karl Mannheim serem “utópicas todas as idéias situacionalmente transcendentais (não apenas projeções de desejos) que, de alguma forma, possuam um efeito de transformação sôbre a ordem histórico-social existentes” (1968, p. 229).

É no bojo dessa imaginação utópica, cuja performance principal foi a construção de uma *memória colectiva* a partir do conhecimento da realidade, que decorria do *slogan* “Vamos Descobrir Angola!”, que se produziu a poesia dos poetas da *Mensagem* – revista da ANANGOLA (Associação dos Naturais de Angola).

2. *Ficções de memória* na poesia netiana: “Esta mania de imaginar e de inventar mundo” (“Sombras”)

*Tudo todos tentavam erguer bem alto
acima das lembranças dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência
Agostinho Neto (“O içar da bandeira”)*

Face à força avassaladoramente fracturante da ideologia colonial, era, pois, necessário reelaborar as representações da memória, através da selecção de elementos discursivos, a fim de criar – *forjar* – novas representações do real sociocultural e histórico. É por esse motivo que se pode afirmar que esses textos literários, de cujo *corpus* fazem parte a poesia e a narrativa curta, funciona(va)m como *ficções da memória*, na expressão de Birgit Neumann (2008, p. 334), que destaca múltiplas contribuições feitas pela literatura para a formação da memória cultural, na medida em que, não sendo um simples reflexo de discursos culturais pré-existentes contribui proactivamente para a negociação da memória cultural (NEUMANN, 2008, p. 335). É como se configura, a literatura, como ficção de memória. Com efeito, para Birgit Neumann,

[B]y disseminating new interpretations of the past and new models of identity, fictions of memory may also influence how we, as readers, narrate our pasts and ourselves into existence. Fictions of memory may symbolically empower the culturally marginalized or forgotten and thus figure as an imaginative counter-discourse. By bringing together multiple, even incompatible versions of the past, they can keep alive conflict about what exactly the collective past stands for and how it should be remembered. (NEUMANN 2008, p. 341)

São *essas ficções de memória* a disseminar novas versões

do passado – da História – que conseguem questionar o passado e criar contradiscursos, minando o discurso hegemónico, no caso colonial, para que a História seja contada de novo, conforme vaticina o poema “Consciencialização” (p. 60). Por isso, nesse período, a literatura angolana vai registar uma produção irradiadora da angolanidade, entendida como consciência da *terra* como *pátria*, que iria dar uma determinada feição “nacional” ao sistema literário que começava a consolidar-se, solapando a fase das “manifestações literárias”, que vão, na poesia, de José da Silva Maia Ferreira a Cordeiro da Matta e, na ficção, de Alfredo Troni e a Pedro Félix Machado (século XIX) e, já no século XX, a Pedro da Paixão Franco, com *História de uma Paixão* (1911), e a António de Assis Júnior, cujo romance, *O Segredo da Morta* (1936), que Luís Kandjimbo considera como o “romance fundador” de uma “verdadeira ficção literária moderna” (2001, p. 163). Dado o papel desempenhado pela literatura na produção da *memória cultural* – que, segundo Astrid Erll, acentua a conexão da memória, por um lado, e dos contextos socioculturais, por outro (2008, p. 4) – tal processo foi-se desenvolvendo através da representação (da *narrativização*, como nas estórias luandinas, arnaldinas, henriquianas⁴, ou da *expressão*, na poesia) de, por um lado, memórias de *vivências*, no sentido benjaminiano do termo⁵, do opressivo quotidiano das relações sociais e afectivas e, por outro, de *experiência* do conhecimento das imagens imemoriais dos povos de Angola e da larvar resistência dos angolanos, desde os primórdios da ocupação colonial. Os exemplos seriam imensos, mas destaco apenas aqueles que me parecem mais ostensivos do *corpus* dessa plêiade de intelectuais e poetas-políticos, começando, por exemplo, com os poemas “O grande desafio” (já citado) de António Jacinto, a que acrescento “Castigo pró comboio malandro”, “Era uma vez...”, “Poema de alienação” ou “Monangamba”; quase todos os poemas de Viriato da Cruz, com especial relevo a “Makèzú”, “Namoro” e “Sô Santo”;

4 Cito deliberadamente apenas os três únicos ficcionistas angolanos publicados na Coleção Autores Ultramarinos da CEI: Luandino Vieira (*A Cidade e a Infância*, 1960), Henrique Abranches (*Diálogo*, 1962) e Arnaldo Santos (*Quinaxixe*, 1965).

5 Refiro-me ao binómio experiência/vivência no ensaio de Walter Benjamin “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936). In *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Volume I, 3a. Ed. São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221.

Mário António em muitos poemas em especial “Poema da farra”; Aires de Almeida Santos, em especial “Meu amor da Rua Onze”; e, claro, os inúmeros poemas de Agostinho Neto, de que se destacam os de *Sagrada Esperança*, como sejam “Adeus à hora da largada”, “Quitandeira”, “Sábado no musseque”, “Meia noite na quitanda”, “Noite”, “Kinaxixe”, “Um aniversário”, “Mussunda amigo”, “O verde das palmeiras da minha mocidade”, “Um bouquet de rosas para ti”, “Para enfeitar os teus cabelos” (este dois últimos poemas dedicados à Maria Eugénia), “Dois anos de distância”, “Noites de cárcere”, “Aqui no cárcere”, “O izar da bandeira”, “Havemos de voltar”...

Porém, o que há de particular nos poemas acima referidos e, particularmente, nestes poemas de Agostinho Neto, em relação aos outros de *Sagrada Esperança*, cuja estética está claramente dimensionada na ideologia negritudinista e panafricanista – e refiro-me a poemas como “Sangrantes e germinantes”, “Criar”, “Na pele do tambor” “Bamako”, “À reconquista” ou “A voz igual”, para citar apenas alguns exemplos? A diferença parece-me residir na capacidade do sujeito de enunciação de forjar um senso de *memória colectiva* a partir da sua *memória individual*, cuja activação se situa na *encruzilhada* de vivências e interesses múltiplos, convocando “depoimentos” como se fossem testemunhos de acontecimentos reais vividos e partilhados, com contextos sociais do processo de rememoração que são marcados por “interferências colectivas” (Maurice Halbwachs). E se as lembranças do poema de António Jacinto acima referido parecem ser partilhadas por todos – também por nós, leitores – tal se deve ao facto de que

[As] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2017, p. 30).

É o que ocorre nesses outros poemas netianos, em que as lembranças não visam a preservação do passado, mas a sua reconstrução, a partir de experiências colectivas segundo determinados contextos e circunstâncias, consoante numa lógica propulsora de mudanças. Com efeito, consciente, o poeta, de que “a uma lembrança real se junta uma massa de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 2017, p. 32), e porque a memória individual se constrói a partir de um acontecimento social, histórico, a poesia netiana busca a “esperança das utopias possíveis” (EUGÉNIA NETO, 2016, p. 11). Neste contexto, o poema “O izar da bandeira”, que tomarei como instância ilustrativa privilegiada das minhas reflexões sobre a poesia netiana na perspectiva de *ficções de memória*, ilustra bem essa capacidade da memória individual se apoiar na colectiva para lhe conferir um senso de historicidade: “Quando voltei as casuarinas tinham desaparecido da cidade”. Sendo um “[p]oema dedicado aos heróis do povo angolano”, escrito em 1960, quando o autor se encontrava preso na cadeia do Aljube (Portugal), este é um poema profético⁶, conferindo à enunciação poética traços de uma evocação transcendental do sujeito de enunciação – que se *co-funde* com o sujeito poético – que, ao contar a sua própria história (a história do seu regresso e do seu olhar sobre as mudanças ocorridas na sua ausência, enquanto esteve preso – em Caxias, em Luanda ou no Aljube), nunca deixou de ser observador dos acontecimentos. Memória biográfica confunde-se com memória histórica e esta parece ser uma dimensão da poesia nacionalista de Agostinho Neto: um equilíbrio, tão benjaminiano, entre a *vivência* da vida quotidiana e tradicional (muito eficaz na sua poesia anti-colonial, eminentemente social e política) e a *experiência* do conhecimento das relações histórico-sociais que é ditado pela (sua) consciência pan-africanista (que é mais presente na sua poesia negritudinista). Ambas as modalidades dessa representação literária – uma vez que os poemas de Agostinho Neto são contaminados pelo modo narrativo, que aponta para o *dever* – são pilares da memória cultural, até como instituição

⁶ Diferente do evangelismo que muitos encontram na poesia netiana, utilizo aqui a noção de *profecia* no sentido de uma previsão antecipada pelas premissas enunciadas (acção, luta), e não no sentido comum de uma imposição exterior à acção do homem ou uma antecipação sobrenatural.

social, em que é possível encontrar pontes de resistência anti-colonial:

(...)
Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiro dos poetas
Tudo todos tentavam erguer bem alto
acima das lembranças dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência

A estética política da poesia netiana: “uma corrente tormentosa” (“O içar da bandeira”)

*Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemormos
a data da abolição desta escravatura*
Agostinho Neto, “Adeus à hora da largada”)

“O içar da bandeira”, que busca resgatar uma história edificante (de um passado recente e remoto) a partir de uma passada convivialidade sociocultural, é, porventura, o mais significativo exemplo, de *Sagrada Esperança*, dessa temática de resistência contra a rasura da história dos africanos, com a citação dos “heróis do povo angolano” convocados para a construção de um perfil da identidade nacional, sem cair numa “metafísica da diferença”(Achille Mbembe), que reduz o africano a uma identidade monolítica – enquanto na prática narrativa, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1974), de Luandino Vieira, também com uma explícita intenção celebrativa da resistência do povo angolano à dominação colonial (considerando que a origem desta narrativa é de 1961, tendo sido passada para o cinema em 1972 por Sarah Maldoror com o título “Sambizanga”). Este poema revela, por outro lado, um outro desafio a que se propôs

essa geração dos “Novos Intelectuais”: a de “descobrir Angola”, contrariando a política cultural do colonialismo português e as imagens preconceituosas da literatura colonial que o poder colonial incentivava através de prêmios em várias modalidades dos Concursos de Literatura Colonial (promovidos pela Agência-Geral das Colônias, de 1926 a 1951), e Concursos de Literatura do Ultramar (pela Agência-Geral do Ultramar a partir de 1954 até 1974), para além de outras premiações de textos cuja intencionalidade – e intenção – era cantar “uma epopeia da colonização, com o seu corolário de civilização e evangelização do “gentio” (MATA, 2016, p. 100):

(...)
vem comigo África dos palcos acidentais
descobrir o mundo real
onde os milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade
 (“À reconquista”)

Denúncias de que são bem representativos os poemas “Civilização ocidental” e “Velho negro” que transcreverei na íntegra:

Vendido
e transportado nas galeras
vergastado pelos homens
linchado nas grandes cidades
esbulhado até ao último tostão
humilhado até ao pó
sempre sempre vencido

É forçado a obedecer
a Deus e aos homens
perdeu-se

Perdeu a pátria
e a noção de ser

Reduzido a farrapo
macaquearam seus gestos e a sua alma
diferente

Velho farrapo
negro
perdido no tempo
e dividido no espaço!

Ao passar de tanga
com o espírito bem escondido
no silêncio das frases cômicas
murmuram eles:
pobre negro!

E os poetas dizem que são seus irmãos.

É contra esse sentido positivo do Império que, como já foi referido em 1., a poesia dos poetas-políticos re-existia, no sentido em que, através da ressignificação de ocorrências de sociabilidade, buscava inscrever na “narrativa da nação” a sua subjectividade – pois mesmo a elaboração da memória coletiva é individual (HALBWACHS, 2017) –, recriando respostas e gerando estratégias estéticas para reinterpretar o cotidiano e atribuir-lhe um sentido mais performativo – como em “Contratados”, em que o canto dolente dos carregadores, fatigados e esgotados, com saudades da terra e dos familiares, com “olhares longínquos” e “corações medrosos”, é transformado em canto de resistência:

(...)
Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam
Fatigados
esgotados de trabalhos
mas cantam
Cheios de injustiças
calados no imo das suas almas
e cantam
Com gritos de protesto

mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam
Lá vão
perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes
Ah!
eles cantam...

Mais do que resistir, parece que se trata de re-existir como “micro ato revolucionário que aciona conjuntos de micro movimentos que compõem com a processualidade inerente ao transcorrer temporal”, transformando o canto em “gesto político cuja ética busca uma mudança social tanto menos ambiciosa quanto mais sensível” (ARRUDA & FONSECA, 2018, p. 217). É que existe na poesia, de Agostinho Neto, nacionalista ou negritudinista e pan-africanista, uma ideológica intencionalidade pedagógica na medida em que “convoca”, isto é, conclama ao conhecimento da história de Angola – refiro-me apenas ao poema *leitmotiv* desta reflexão –, seja recente (o conjunto musical Ngola Ritmos, a Liga, o *Farolim*, as reuniões nas Ingombotas, isto é, dos “novos intelectuais”; figuras históricas como do (então) presente como Liceu, Bengé, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel e outros “amigos e irmãos”) e do passado mais antigo (Ngola Kiluanji, Rainha Ginga – estas que são figuras emblemáticas que se reportam à história da resistência à penetração europeia no território). A convocação desses eventos e figuras visam contrariar a rasura histórica de matriz hegeliana sustentada pela ideologia colonial, e actualizada, ainda hoje, em lugares-comuns como a “necessidade de ajuda” da África pela Europa⁷, de que a mais emblemática manifestação neste século parece ser o “discurso de Dacar” (26 de Julho de 2007) do ex-presidente francês Nicolas Sarkozy segundo o qual “O drama da África é que o homem africano não fez

⁷ Escrevo num momento em que, face à guerra na Europa derivada da invasão da Ucrânia pela Rússia, esta questão ressurge na agenda internacional com a recusa dos países africanos em “acatarem” as imposições que o Ocidente (União Europeia e Estados Unidos) em relação ao corte de relações com a Rússia, sugerindo-se que a África vive às expensas da Europa...

história suficiente"! Também o poema "Havemos de voltar" convoca ao conhecimento tanto da sociocultura quanto das potencialidades económicas do país que os recursos naturais e minerais do país podem proporcionar e que podem conduzir ao bem-estar futuro do povo angolano ("Havemos de voltar/ À Angola libertada/ Angola independente"), ressaltando, aqui, mais uma vez, a diferença entre profecia, no sentido de previsão, e fé, que se pensa dar corpo ao evangelismo netiano. Tal acção pedagógica faz-se necessária se se tiver em conta que a assimilação à cultura portuguesa, cuja filosofia continua presente não apenas na ex-metrópole (e os programas de ensino de História, Português e Geografia são disso exemplo, em que quase se pode dizer que se mantêm os objectivos do sistema educativo colonial), mas também, o que me parece trágico, no ensino fundamental dos países africanos, em que, por exemplo, se estuda a literatura portuguesa, mas não as literaturas africanas e, até, nem do próprio país!

É sabido que no período colonial-fascista, em que se consolidou a ideologia do assimilacionismo cultural, com o "Estatuto do indígena" (nas suas sucessivas versões desde 1926 até à sua versão final de 1954), a produção literária fez-se em diálogo com a ideologia libertária. A estética literária, de matriz nacionalista, mobilizou uma retórica que buscou partilhar memórias imaginariamente históricas e sociais e colectivizar angústias e aspirações, enveredando por terrenos temáticos e estilísticos que visavam, por imperativo estratégico da luta nacionalista, a rasura e o obscurecimento de conflitos e de pulsões divergentes. Ainda "O içar da bandeira":

(...)
Quando eu voltei
qualquer coisa gigantesca se movia na terra
os homens nos celeiros guardavam mais
os alunos nas escolas estudavam mais
o sol brilhava mais

e havia juventude calma nos velhos

mais do que esperança era certeza
mais do que bondade era amor
(...)

De igual modo, o apelo à convergência de esforços, dirigido à África, como no poema “À reconquista”:

Não te voltes demasiado para ti mesma
Não te feches no castelo das lucubrações infinitas
Das recordações e sonhos que podias ter vivido
(...)
Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir
O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento pela morte
com quem nos matam.
Vamos com toda a Humanidade
Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.

Um apelo resumido em “Nós somos” do poema “Mussunda amigo”. Essa retórica intentava a construção de um corpo uno e coeso, dentro dos propósitos do nacionalismo, que se pode definir, segundo Ernest Gellner, como sendo “um princípio político que defende que a unidade nacional e a unidade política devem corresponder uma à outra” (1993, p. 11). Em “O izar da bandeira”, o cenário de desesperança e fragmentação social, sintetizado nos versos “E o sangue e o sofrimento/ eram uma corrente tormentosa/ que dividia a cidade”) não é apenas de precariedade socioeconómica – como acontece em “Adeus à hora da largada”, em que os homens chegam a um ponto tal da degradação da condição humana que a desestruturação psico-sociocultural que daí resulta leva a uma completa alienação do homem (que até tem vergonha honrar a Mãe, tem medo de atravessar as ruas e tem medo dos homens), indiciada pela bebedeira, pela perda do sonho e pela desesperança. Desestruturação que aparece também em “O izar da bandeira”, na sugestão da interrupção da dinâmica histórica pela não continuidade do círculo da socialização, incluindo a

desorganização da memória, dos espaços e dos afectos com o desaparecimento das casuarinas, dos ritmos quentes das farras, do riso das crianças, das figuras da convivialidade e das reuniões das Ingombotas. Mas tal como em “Adeus à hora da largada”, em que o sujeito se proclama “aquele por quem se espera”, o sujeito propõe-se a revitalizar a utopia da libertação e a pátria prometida que o enunciante do referido poema profetiza. A pátria é representada nos lugares e entidades (históricas, culturais, afectivas e espirituais) que outrora tiveram uma performance heróica, urgindo um novo início com a participação de todos, como se vê nos versos “Todos tentavam erguer bem alto/ a bandeira da independência”: através da convocação das vontades (os homens que nos celeiros guardavam mais e os alunos que nas escolas estudavam mais e até o sol que brilhava mais) e da corrente de germinação emancipatória com a emulação de figuras do (então) presente histórico e cultural e do passado.

Na poesia de Agostinho Neto, como na dos poetas da geração da *Mensagem*, dos árduos tempos do combate nacionalista, opera-se a contaminação entre *pátria* (a entidade institucional) e *terra*: trata-se de uma operação que se sustentava na natureza, num movimento de identificação do sujeito com o território que se aproxima daquele que também ocorreu nos anos 30 na América do Sul para cuja literatura Antonio Candido olha quando equaciona do seguinte modo esse fenómeno de cantar a terra/pensar a pátria, transformando aquela (a terra) em justificativa desta (a pátria):

A idéia de **pátria** se vinculava estreitamente à da **natureza** e em parte extraía dela a sua justificativa. (...) Um dos pressupostos ostensivos ou latentes da literatura latino-americana foi esta contaminação, geralmente eufórica, entre terra e pátria, considerando-se que a grandeza da segunda seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à primeira. (CANDIDO, 1989, p. 141-142. Sublinhados do autor)

E aqui é obrigatório convocar de novo “Havemos de voltar”, em que claramente existe essa euforia do futuro que vem da prodigalidade da terra. Também para reforçar a contaminação épica da escrita literária, outra estratégia foi o recurso à elaboração do imaginário cultural, a partir de índices retirados da natureza e da sociocultura (gentes, sinais de uma vivência quotidiana, do espaço físico e do imaginário cultural e histórico) e transformados em símbolos. Por esses elementos se intentava, pelo poder encantatório da palavra, o estabelecimento de um elo social, psicológico e afectivo-sentimental entre indivíduos, e entre esses e o porta-voz, estatuto a que se erige o sujeito da enunciação, cumprindo-se uma função extratextual de eficácia ideológica, sabendo que Agostinho Neto já era, à altura dos seus primeiros poemas, uma figura proeminente no grupo desses jovens, como o comprovam os artigos nos jornais *O Estandarte* e *O Farolim*, ou os poemas “precoces” dos anos 40, por exemplo, “Bailarico”: “A vida são dois dias/ e amanhã/ podemos ir parar a São Tomé” (*Amanhecer*). Este poema é de 1948, tinha o autor 26 anos.

Através desses *lugares* culturais ou culturalizados, da geografia e da natureza, nos seus signos e símbolos, valores e atributos (re)inventados e (re)elaborados intelectualmente, o poeta cantou uma pátria a *devir* próspera que, embora considerasse carente em justiça humana, era pródiga em natureza. E essa prodigalidade e harmonia entre homem e natureza funcionava, nas palavras de Antonio Candido, “como construção ideológica transformada em ilusão compensadora” (1989, p. 149). É esta a lógica de poemas como os já citados “Havemos de voltar”, “O içar da bandeira”, “Adeus à hora da largada”, mas também de poemas como “Não me peças sorrisos”, “O caminho das estrelas”, “Campos verdes”, “Sangrantes e germinantes” ou “Caminho do mato”: neles, aliás, em muitos outros poemas de *Sagrada Esperança* (escritos entre 1945 e 1960), o caminho do mato, do sofrimento, da dor, da espoliação humana e da exploração até à exaustão das riquezas da terra utilizando a mão de obra local – afinal, é isso o colonialismo – se transforma em “caminho das

flores/flores do amor” (“Caminho do mato”).

Propondo uma corrente de solidariedade e cumplicidade como a que se constrói, de forma prosopopeica, no poema “Partida para o contrato”, em que a natureza “chora”, tal como Maria, a partida de Manuel para o contrato, ou sua participação na sinfonia emancipatória em “O içar da bandeira”, os poemas celebram a comunhão entre homem e natureza como partes da mesma entidade (em que até o sol brilha mais, enquanto o embrião rompe a terra humedecida pela chuva e a planta resplandecente de cor e juventude se ergue), em que esta, a natureza, se cumplicia com o enunciador na dor da separação e na desventura do analfabetismo, como no poema “Carta dum contratado”, de António Jacinto, ou o corpo do homem que se confunde e se funde com a natureza, como em “Monangamba”, de António Jacinto (*Poemas*, 1961).

4. Considerações finais: “criar liberdade nas estradas escravas” (“Criar”)

*quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou*

Agostinho Neto, “Comboio africano” (p. 37)

A poesia dessa geração dos “Novos Intelectuais de Angola” – e a de Agostinho Neto em particular –, produzida sob o signo da luta nacionalista, é, por isso, múltipla, ambivalente e transtemporal (ela é amargamente actual neste momento que Angola vive, das eleições gerais, presidenciais e legislativas!), ao aliar a luta anti-colonial à estética de afirmação cultural, revelando-se, essa obra, como um produto cultural híbrido que se apresenta como objeto de análise de distintas áreas do conhecimento.

A poesia de Agostinho Neto constrói-se a partir das coordenadas do então projecto libertário nacional – a independência, a tradição cultural, a coesão nacional e o bem-estar social –, a fim de que a *nação* pudesse conceber-se numa aliança entre “comunidade imaginada” e da *terra*, muitas vezes

através da metáfora da *Mãe*, “como uma pátria territorial, o local do nosso nascimento e da nossa infância, a extensão do coração e do lar (...) o local dos nossos antepassados, e dos heróis e das culturas da nossa antiguidade” (SMITH, 1997, p. 146). Propondo-se cumprir o desiderato de “criar liberdade nas estradas escravas” (“Criar”, p. 80), na sua poesia, ainda hoje com eficácia extratextual, a construção da *nação* faz-se num diálogo entre ideologia política e estética literária, pela mobilização de temas de âmbito sociocultural e ideológico, e de recursos estilísticos e retóricos que apontam para um discurso de resistência a todo o tipo de anomalias sociais, coloniais e pós-coloniais. A esse discurso de resistência e re-existência subjaz a filosofia de um sujeito agente que já não deve esperar uma entidade propulsora de mudanças e de transformações dialécticas. Por isso, consciente desse imperativo de acção, proclamara-se ele próprio, messianicamente, esse sujeito de mudanças – sujeito cuja vida matou uma mística esperança, que ele próprio vai levar aos desafortunados: “Eu já não espero/ sou aquele por quem se espera” (“Adeus à hora da largada”).

Lisboa, Setembro de 2020/Julho de 2022

Inocência Mata

(Centro de Estudos Comparatistas/Faculdade de Letras da
ULisboa)

Referências

ARRUDA, Mario Alberto Pires (de) e FONSECA, Tania Mara Galli. “Existência enquanto re-existência em tempos de medo”. In *Mnemosine* (Rio Grande do Sul), v. 14. n. 2, 2018, p. 206-218.
CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ERLL, Astrid. “Cultural Memory Studies: An Introduction”. In Astrid Erll and Ansgar Nünning (Editors). *Cultural Memory Studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2008, pp 1-15.
GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. Tradução de Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1993.

HALBAWCHS, Maurice. *Memória Colectiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2017.

KANDJIMBO, Luís. “Para uma breve história da ficção narrativa angolana nos últimos cinquenta anos”. In *Revista de Filología Románica*, Universidad Complutense de Madrid (Ejemplar dedicado a: La narrativa en lengua portuguesa de los últimos cincuenta años), Anejos II, 2001, pp. 161-184.

_____. “Agostinho Neto (1940-1960): os itinerários da identidade individual de um poeta angolano da geração literária de 40”. In Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (Org.). *A Noção de Ser: Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, 2014, pp. 31-49.

MANHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro Rio de Janeiro, Zahar Editôres, 1968.

MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto-Inscrição”. In *Estudos Afro-Asiáticos – Revista do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes*, ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.

MATA, Inocência. “Deslocamentos imperiais e percepções de alteridade: o caso da literatura colonial portuguesa”. In *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 8, nº 16, 1º sem., jul. 2016, pp. 89-102.

NETO, Agostinho, *Obra Poética Completa*. Luanda: União os Escritores Angolanos, 2016.

NETO, Eugénia. “A poética de Neto como práxis social”. In Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (Org.). *A Noção de Ser: Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, 2014, pp. 23-28.

NEUMANN, Birgit. “The Literary Representation of Memory”. In: Astrid Erll and Ansgar Nünning (Editors). *Cultural Memory Studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2008, pp 333-343.

NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

SMITH, Anthony D. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.